

DESINDUSTRIALIZAÇÃO NA METRÓPOLE PAULISTANA – O CASO DA ÁGUA BRANCA*

Alúcio Wellichan Ramos**

RESUMO:

Este artigo procura discutir algumas questões sobre o tema da desindustrialização na metrópole paulistana. A desindustrialização é um processo recente e sua compreensão está vinculada a um conjunto integrado de elementos ligados tanto às mudanças no processo de industrialização do Brasil quanto às mudanças no processo de urbanização da metrópole. Portanto, em última instância, é nas relações entre os processos de industrialização e urbanização que vislumbramos o entendimento, ainda que parcial, do recente processo de desindustrialização verificado.

No entanto, a desindustrialização não é um processo que atinge a totalidade da metrópole paulistana. Este processo é verificado em alguns bairros, sobretudo, da cidade de São Paulo. Trata-se dos primeiros bairros industriais da cidade, cuja gênese situa-se nas duas últimas décadas do século XIX. A industrialização destes bairros está vinculada a uma série de elementos, dos quais se destaca, sem dúvida, a presença das ferrovias. A cidade de São Paulo foi cortada pelas ferrovias do café, que levavam a produção cafeeira do interior ao porto de Santos. E foram, os bairros paulistanos cortados pelas ferrovias, que se industrializaram a partir do final do século passado. Desses bairros, este artigo trata de um, a Água Branca. Nesse sentido, a análise de suas singularidades é necessária se se quer uma compreensão da desindustrialização que aí vem ocorrendo. Mas as singularidades não são suficientes. É necessário correlacioná-las ao processo de *urbanização* da metrópole como um todo e ao processo de *industrialização* brasileiro.

PALAVRAS-CHAVE:

Urbanização, industrialização, desindustrialização, bairro, metrópole.

ABSTRACT:

This article tries to discuss some subjects on the theme of desindustrialization in the metropolis of São Paulo. Desindustrialization is a recent process and its understanding is linked so to an integrated group of elements related to changes in the process of industrialization of Brazil as to changes in the process of urbanization of the metropolis. Therefore, ultimately, it is in the relations among industrialization processes and urbanization that we glimpse the comprehension, although partial, of the recent process of verified desindustrialization. However, desindustrialization is not a process that reaches the totality of the metropolis of São Paulo. This process is verified in some districts, mainly, of São Paulo city. They are the first industrial districts of the city, of which genesis is in the last two decades of nineteenth century. The industrialization of these districts is related to a series of elements, among which stands out, without any doubt, the presence of the railroads. The city of São Paulo was

cut by the railroads of the coffee, that took coffee production from the interior to the port of Santos. And it were, the districts of São Paulo cut by railroads, that were industrialized from the end of last century.

Among these neighborhoods, this article treats one: Água Branca. In that sense, the analysis of its singularities is necessary if an understanding of desindustrialization is wanted. But the singularities are not enough. It is necessary to correlate them to the process of urbanization of the metropolis as a whole and to the Brazilian industrialization process.

KEY WORDS:

Urbanization, industrialization, desindustrialization, district, metropolis.

1. Introdução

Neste artigo, examinaremos as transformações recentes do bairro da Água Branca, tendo-se em vista que, em primeiro lugar, estas mudanças estão profundamente relacionadas aos processos de industrialização e desindustrialização. Além disso, veremos que as mudanças que vêm ocorrendo na Água Branca estão vinculadas a uma grande valorização imobiliária, ao crescimento dos bairros circunvizinhos, à sua localização no conjunto metropolitano, às intervenções públicas na área ao longo da história, entre outros elementos.

Nesse sentido, este artigo, num primeiro momento, procura definir a concepção de desindustrialização adotada, na medida em que, sem a clareza do que é este processo, todas as análises seguintes podem se tornar confusas.

Num segundo momento, analisaremos este processo, tomando o bairro da Água Branca como um dos casos em que a desindustrialização vem ocorrendo e, por conseguinte, faremos uma análise das transformações que marcam este bairro da cidade.

2. Desindustrialização, desconcentração industrial, descentralização industrial e o problema das escalas espaciais

Freqüentemente, os processos de desindustrialização, desconcentração industrial e des-

centralização industrial são tratados por diferentes autores, de forma, equivocada. Em alguns casos, os termos que designam os processos são utilizados como sinônimos, ou seja, sem o menor rigor.

Os termos desindustrialização, desconcentração industrial e descentralização industrial designam processos que, apesar de intrinsecamente relacionados, são processos essencialmente distintos e que devem ser abordados na perspectiva das escalas espaciais de sua ocorrência, pois estão profundamente ligados a elas.

Entender corretamente o significado destes processos e, por conseguinte, saber correlacioná-los devidamente aos espaços adequados em suas diversas escalas é um imperativo para se evitar um mau entendimento dos problemas abordados.

Assim, a desindustrialização designa um processo específico que vem ocorrendo em algumas áreas, espacialmente delimitadas, nas quais a atividade industrial perde importância em termos absolutos. Segundo Raymond Guglielmo, que estudou o recuo da atividade industrial na periferia norte de Paris, o termo desindustrialização "é freqüentemente empregado de maneira contestável ou contestada, para designar um desaparecimento ou um recuo das operações materiais de produção. Quando estas são substituídas no mesmo lugar por outros segmentos do processo de produção

(pesquisa, gestão, por exemplo) seria preferível falar de 'mutação' industrial. No caso da periferia Norte próxima, onde há vinte anos, numerosas fábricas fecham, sem que nenhuma atividade ligada à indústria lhes suceda, a desindustrialização no sentido pleno da palavra parece inegável" (GUGLIELMO, s/d, p.131). Desse modo, o termo desindustrialização sugere, portanto, que determinada área industrial deixe progressivamente de ser caracterizada economicamente por sua atividade industrial, havendo, na maior parte dos casos, um paralelo avanço do setor terciário.

O processo de desindustrialização é o que caracteriza, por exemplo, algumas das antigas áreas industriais da metrópole paulistana, como é o caso dos bairros da Água Branca (que trataremos a seguir), da Lapa, da Barra Funda, do Bom Retiro, do Brás, da Moóca, etc.

Portanto, deve ficar claro que o termo desindustrialização não pode ser aplicado à área metropolitana de São Paulo como um todo, pois existem somente algumas áreas bem delimitadas no interior da metrópole e especialmente dentro do município de São Paulo que se desindustrializam. Sendo complicado, portanto, falar generalizadamente em "desindustrialização da metrópole paulistana"

Assim, de acordo com a concepção aqui adotada, seria um equívoco diagnosticar o recuo da atividade industrial na metrópole como decorrente de um processo de desindustrialização. Não é possível fazer este diagnóstico, na medida em que este é um processo que se manifesta pontualmente, uma vez que a atividade industrial conserva uma importância muito grande na metrópole considerada em sua totalidade.

Desta forma, o que estaria ocorrendo na metrópole, considerada em sua totalidade, até o presente momento, seria um processo de desconcentração industrial em relação ao resto do país e a outras áreas do estado de São Paulo, uma vez que o processo de concentração tem-se revertido, a partir da década de 1970.

Um processo de desconcentração pode sim ser constatado em duas direções; uma primeira do Estado de São Paulo em direção ao resto do país, na qual, o Estado de São Paulo reduziu sua participação no total do Valor da Transformação Industrial (VTI) do Brasil de 58,2% em 1970 para 49,2% em 1990; e uma segunda, da Região Metropolitana de São Paulo (RMSP) em direção a outras áreas do interior do Estado de São Paulo, na qual, a RMSP diminuiu sua participação no VTI do Estado de 74,7% para 53,3% no período de 1970 a 1990. Esta última direção do processo de desconcentração é denominada por Barjas Negri de "interiorização" da indústria paulista (NEGRI, 1996, p.13).

Desta forma, o termo desconcentração industrial, designa aqui, uma relação dinâmica interespaçial no interior de um espaço mais abrangente. Ocorre, portanto, um processo de desconcentração, quando a atividade industrial de um determinado espaço perde importância relativa em relação à atividade industrial de uma outra área. É um processo que, obrigatoriamente, deve ser pensado em termos interespaçiais.

É importante, também, levarmos em consideração que, o que se desconcentra espacialmente é, na maior parte dos casos, o setor produtivo das empresas e não a empresa ou grupo industrial como um todo. Essa característica do processo de desconcentração é de suma importância para entendermos o que vem a ser o processo de descentralização industrial.

O processo de descentralização industrial não pode ser confundido com o de desconcentração industrial. O termo descentralização industrial designa aqui, um processo de reversão da polarização em que um centro polarizador de uma determinada região deixa progressivamente de ser o pólo dinâmico central e este é transferido para outra área no interior dessa região.

Como se pode logo constatar no caso da RMSP, este processo não está ocorrendo, mas, ao contrário, com o avanço da desconcentração, *centralizam-se* na metrópole, cada vez mais, as

atividades financeiras e de gestão das empresas além de diversos serviços especializados. Portanto, *"a tendência das indústrias deixarem de se localizar na capital, em si não significa que se está diante de um quadro de descentralização industrial"* (LENCIONI, 1996, p.206).

Assim, o processo de desconcentração distingue-se do de descentralização pelo fato de que este último implica não só numa redistribuição espacial dos estabelecimentos industriais no interior de uma região, mas também das empresas como um todo e das atividades econômicas a que elas estão direta ou indiretamente ligadas. No caso da descentralização muda o pólo de influência da região e não somente redefine-se o setor produtivo das indústrias como ocorre no processo de desconcentração.

O processo de descentralização não se verifica no Estado de São Paulo, na medida em que, as indústrias que se deslocaram para o interior ou, eventualmente, para outros estados brasileiros, em grande parte, continuam a ser comandadas por seus escritórios na capital e dependentes dos serviços providos no centro, ou seja, na metrópole de São Paulo.

Nesse sentido, discordamos das análises que interpretam as transformações que vêm ocorrendo na dinâmica espacial da indústria no Estado de São Paulo como produto da industrialização do interior decorrente da desindustrialização da RMSP e da capital. A nosso ver, esta interpretação cria a idéia de que estaria havendo uma reversão da polarização e uma conseqüente descentralização industrial da RMSP. Basta uma superficial análise empírica para negar esta equivocada interpretação. Em realidade, a desindustrialização ocorre na metrópole, mas, como já havíamos salientado, é restrita a determinados espaços e não ocorre na metrópole tida em sua totalidade.

Desta maneira, para não assumirmos erroneamente a interpretação de que estaria ocorrendo um processo de descentralização industrial (ou um generalizado processo de desin-

dustrialização) é necessário atentarmos para o fato de que um estabelecimento industrial não se restringe ao seu setor produtivo, sendo preciso considerá-lo como parte integrante de uma empresa ou grupo econômico mais amplo. Assim, *"a não compreensão do que seja o processo de centralização, ou até mesmo o fato de tomá-lo sem distinção do processo de concentração, tem sido responsável pela interpretação da dispersão industrial como produto de uma descentralização industrial"* (LENCIONI, 1996, p.206).

Se a desindustrialização não fosse um processo pontual no espaço e sim atingisse a RMSP como um todo, poderíamos falar em descentralização industrial. Entretanto, *o que a análise da realidade histórico-concreta permite explicar é um processo de desconcentração industrial sem descentralização e com alguns processos pontuais de desindustrialização particularmente no município de São Paulo por motivos relacionados às transformações nos processos de industrialização e urbanização da metrópole.*

Concluindo, podemos afirmar que, conforme foi exposto anteriormente, os processos de desindustrialização e de desconcentração industrial estão intrinsecamente relacionados à escala espacial de suas ocorrências.

Desta forma, o processo de desconcentração nos remete a uma escala menor, regional ou até mesmo nacional, na medida em que se trata de um processo dinâmico que envolve uma relação inter-espacial. O setor produtivo das indústrias se desloca de um local para outro, mas no interior de um espaço mais abrangente. Já o processo de desindustrialização, nos remete à uma escala maior, local, na medida em que, como vimos, o processo de desindustrialização ocorre na metrópole de maneira fragmentada no espaço e caracterizando mudanças significativas em determinados bairros, especialmente no município de São Paulo.

3. Industrialização e desindustrialização

Acreditamos que a desindustrialização, um processo que se inicia com mais vigor na década de 1980 e efetivamente é facilmente observável, tem sua gênese no final da década de 1960 e início da de 1970 (ainda que o processo não fosse claramente visível espacialmente), momento no qual acentua-se a participação do capital estrangeiro na economia e, por conseguinte, o momento em que o empresariado nacional definitivamente sofre golpes claros da política econômica que visa tanto o favorecimento da empresa oligopolista transnacional quanto dos setores mais dinâmicos, como o de bens de capital e de consumo durável.

A tabela I, demonstra claramente que a partir, sobretudo, da década de 1950 o setor de bens de consumo não durável é o que apresenta sempre, tanto em momentos de crise quanto em momentos de expansão da economia, as menores taxas de crescimento anual. Isto por que a política econômica passou a privilegiar deliberadamente o crescimento dos demais setores.

Como vemos, o setor de bens de consumo não duráveis que, vale lembrar, caracteriza a indústria dos bairros em processo de desindustrialização, foi o que menos cresceu durante o período de 1949/77. Entre 1955 e

1962, enquanto os setores de bens de capital, de bens de consumo durável e de bens intermediários, cresciam, respectivamente, a taxas médias anuais de 27%, 24% e 12,1%, o de bens de consumo não duráveis crescia apenas a taxa média anual de 6,6%. Nos períodos de crise, em que todos os setores apresentaram baixas taxas anuais de crescimento, o de bens de consumo não durável, em particular, continuou apresentando a mais baixa de todas. Por exemplo, entre 1962 e 1967, os setores de bens de capital, bens de consumo durável e de bens intermediários apresentaram taxas médias anuais de crescimento de 2,6%, 4,1% e 6,3%, respectivamente. Por sua vez, o setor dito “tradicional” apresentou a taxa de 0,0%.

É claro que este menor crescimento não significa que este setor não se modernizou. Ao contrário, modernizou-se sim, durante todo o período (sobretudo entre 1964 e 1980 quando o crescimento passou a ser parcialmente voltado para o mercado externo), mas às custas da entrada do capital internacional que lhe incorporou novas tecnologias. Esta modernização operada não veio, em geral, do capital nacional, mas, ao contrário do capital externo que, de certa forma, retirou o enorme domínio do capital nacional neste setor.

Nesse sentido, cabe acrescentar que, segundo EVANS e QUEIROZ, as firmas nacionais,

Tabela I: Taxas de Crescimento da Indústria Paulista segundo os setores produtivos – 1949-1977

Períodos selecionados	Média das taxas de crescimento anual dos setores produtivos (em %)				
	Bens de Capital	Bens de consumo duráveis	Bens de consumo não duráveis	Bens intermediários	Total
1949 – 1955	11	17,1	6,7	11,8	8,8
1955 – 1962	27	24	6,6	12,1	11,3
1962 – 1967	2,6	4,1	0,0	6,3	2,7
1967 – 1973	18,1	23,6	9,4	13,5	13,3
1973 – 1977	8,4	5,5	4,2	8,7	6,6

"*mesmo aquelas relativamente grandes e poderosas, têm dificuldade em manter suas posições dentro do setor manufatureiro moderno, mas isto não significa que a 'burguesia nacional industrial' esteja sendo eliminada. O capital local permanece forte nas finanças e nas atividades comerciais e encontrou, na indústria de construção, uma nova área de operações*" (EVANS e QUEIROZ, 1977, p.30). Ou seja, o capital nacional deslocou-se/foi deslocado, para outros setores da economia.

Além disso, vale lembrar, por outro lado, do momento em que se formaram os bairros em processo de desindustrialização para compreendermos que as mudanças urbanas neles processadas são, em parte, devidas a novas condições históricas.

Os bairros em questão (Moóca, Brás, Belenzinho, Pari, Barra Funda, Lapa, Água Branca, etc.) se formaram e foram incorporados à cidade de São Paulo, como bairros industriais e operários, no decorrer da gênese da industrialização brasileira em condições sociais, políticas, econômicas e geográficas absolutamente distintas das da década de 1980. No momento em que estes bairros se formaram, havia um predomínio das indústrias de bens de consumo não duráveis, implantadas, sobretudo, com a participação majoritária do capital e do nascente empresário nacional. Como se pode notar, as condições históricas alteraram-se profundamente no decorrer dos anos e estas mudanças alteraram, por conseguinte, a configuração tanto da industrialização (que entra, a partir dos anos 80, num novo e extremamente complicado esforço para engajar o Brasil na Terceira Revolução Industrial) quanto da urbanização (que reincorpora os bairros em desindustrialização à metrópole com novas e distintas funções).

4. Água Branca: um espaço de contrastes (das fábricas aos *shopping centers*)

No decorrer da pesquisa, logo notamos que a compreensão do processo de desindus-

trialização relacionava-se a um conjunto de elementos que estão entrelaçados numa trama complexa, difícil de ser desvendada. Nesse sentido, a explicação do processo seguiu caminhos variados.

Por um lado, de maneira geral, voltou-se à análise do processo de *industrialização*, desde a gênese da industrialização (1880-1930) até os dias presentes, percorrendo as várias fases do nosso processo de industrialização e procurando assim, discutir as mudanças que contribuíram para o atual processo de desindustrialização. Sob esta perspectiva, cumpre notarmos que foi com a industrialização pesada, a partir de meados da década de 1950, que o capital estrangeiro foi intensamente favorecido pelas políticas econômicas e as indústrias produtoras de bens de consumo duráveis e bens de capital tornaram-se o centro dinâmico do processo de acumulação. Estas mudanças (favorecimento das indústrias de bens de consumo duráveis e bens de capital e do capital estrangeiro) são importantes, na medida em que, como veremos a seguir, o bairro da Água Branca, assim como os outros bairros, que surgiram no início da industrialização, tinham fábricas que produziam, ao contrário, predominantemente bens de consumo não duráveis e com capital marcadamente de origem nacional.

Num outro sentido, a pesquisa voltou-se à análise da *urbanização* em São Paulo, procurando compreender como se deu esta urbanização em seus aspectos relevantes para a compreensão do processo de desindustrialização. Nesse sentido, as análises particulares do bairro da Água Branca, relacionadas à urbanização da cidade de São Paulo como um todo, tornaram-se extremamente necessárias para a tentativa de compreendermos, sob a perspectiva da urbanização, como se dá o processo de desindustrialização. Assim, procuramos analisar o bairro da Água Branca, buscando compreender, numa perspectiva histórica, como se deu sua incorporação ao conjunto da cidade de São

Paulo, para depois analisar os fatores particulares que atuaram no bairro, contribuindo para o recente processo de desindustrialização verificado.

Para tanto, além do olhar sobre a história das transformações ocorridas no bairro em si, fez-se necessário, um olhar simultâneo sobre o conjunto da cidade de São Paulo e, em especial, de seu setor oeste próximo, que compreende os bairros circunvizinhos à Água Branca e das ações, diretrizes e propostas do poder público, sobretudo o municipal, para o bairro¹. A conjugação destes elementos de análise constitui, como se verá, uma maneira de buscar a compreensão da desindustrialização do bairro.

O bairro da Água Branca faz parte do subdistrito de Perdizes² e localiza-se na porção centro-oeste de São Paulo, entre a Vila Romana a oeste (subdistrito da Lapa) e a Barra Funda ao norte e nordeste. Ao sul, encontra-se com a Vila Pompéia (subdistrito de Perdizes) e com o bairro de Perdizes. Não propomos aqui uma delimitação rigorosa do bairro da Água Branca, considerando a fluidez que caracteriza os limites de um bairro. Conforme se verá mais adiante, no caso específico da Água Branca, a tarefa de se estabelecer limites é ainda mais complicada, correndo um alto risco de ser arbitrária e forçada.

Vejamos, pois, em primeiro lugar, como surgiu este bairro e como foi incorporado ao conjunto da cidade de São Paulo.

A primeira menção que encontramos à Água Branca, remonta a meados do século XIX (LANGENBUCH, 1971, pp.37-38), momento no qual esta área continha algumas chácaras que tinham como função o fornecimento de produtos primários à cidade e o apoio à circulação extra-regional através da existência de pousos de tropas.

Poucas informações existem a respeito destas chácaras, o que nos impede de saber qual foi sua real importância para o conjunto regional e de estender aqui sua análise. Em realidade, não sabemos sequer quantas eram

estas chácaras e o que exatamente produziam. Nesse sentido, para se ter maiores informações a respeito da área da Água Branca antes de se tornar um bairro da cidade de São Paulo, seria preciso uma pesquisa profunda, o que fugia aos limites da pesquisa realizada.

Mesmo assim, é possível afirmar que o atual bairro da Água Branca fazia parte, até meados da década de 1880, da área rural do município de São Paulo.

Quanto aos pousos de tropas de muares, segundo LANGENBUCH, dois viajantes do século XIX – D'Alincourt e Saint-Hilaire – fizeram menção à sua existência na Água Branca. O primeiro, *"referindo-se ao pouso da Água Branca assim se manifesta: ... 'passa-se o rancho e ribeiro d'Água Branca e a estalagem do mesmo nome, que é do gosto do sertanejo' A propósito do mesmo pouso, sito na área atualmente ocupada pelo bairro homônimo, Saint-Hilaire comenta: 'A cerca de meia légua da cidade encontra-se um rancho real – o de Água Branca, – extraordinariamente cômodo para os viajantes, que, em São Paulo, tanta dificuldade têm em encontrar alojamento quanto nas outras povoações do interior do Brasil'"* LANGENBUCH afirma que além da Água Branca, existiam uma série de pousos que, de um modo geral, estavam situados nos arredores mais próximos da cidade de São Paulo. Assim, este autor afirma a existência, no passado, de pousos nos atuais Bexiga, Luz, Água Fria, Brás, Penha e Vila Cerqueira César (LANGENBUCH, 1971, pp.37-38).

No que se refere às chácaras produtoras de produtos primários, LANGENBUCH constatou que foram instalados *"chacareiros portugueses em áreas que estavam sendo difusamente ocupadas pela expansão urbana, tais como Água Branca, Vila Pompéia, Lapa, Tatuapé, Penha, Itaim-Bibi, Santana, Casa Verde, etc. Êstes chacareiros produtores de legumes e verduras após 1920 passariam a se deslocar, em sua maioria, para áreas mais afastadas da cidade"* (LANGENBUCH, 1971, p.118). Assim, a expansão urbana não destruiu formas e funções ante-

riores rapidamente. Ao que tudo indica, as chácaras foram cedendo lugar a novas formas de ocupação, de maneira gradativa. No caso da Água Branca, elas praticamente deixaram de existir por volta de 1920, convivendo, por cerca de 40 anos, com as indústrias que passaram a se instalar a partir da década de 1880.

Nesse sentido, os arredores mais próximos, aos quais foi atribuída, por LANGENBUCH, a denominação de "cinturão das chácaras" além de serem penetrados pela urbanização e abrigarem inúmeras fábricas, ainda continuaram "a encerrar muitas chácaras, com suas antigas características" (LANGENBUCH, 1971, p.81).

Segundo LANGENBUCH, "no século passado as povoações, de acordo com as suas funções político-administrativas e religiosas, tinham a designação oficial de 'cidade', 'vila' e 'freguesia', em escala decrescente de importância. (...) Além dos povoados das mencionadas categorias, havia os aglomerados sem predicamento oficial, citados por cronistas e outros autores pelas designações de 'aldeia', 'arraial', 'povoação', 'capela' e 'bairro'" (LANGENBUCH, 1971, p.42). Cumpre notar que a localidade da Água Branca não aparece nem no *Ensaio Estatístico de Müller* de 1836, nem nos *Apontamentos de Azevedo Marques* de 1874, como nenhuma das categorias de aglomerados propostas acima, o que nos leva a concluir que a localidade da Água Branca como aglomeração (no caso, um bairro funcionalmente ligado à cidade) é mais recente e está ligada à implantação das ferrovias e a conseqüente atração locacional que estas exerceram sobre as indústrias.

A Água Branca tem sua origem intimamente relacionada às ferrovias "São Paulo Railway" (1867) e "Sorocabana" (1874)³ que seguem paralelas neste trecho da cidade e, por conseqüência, sobretudo, da presença destas duas ferrovias, o bairro surgiu, se desenvolveu e foi incorporado à cidade de São Paulo como um bairro industrial.

O surgimento da Água Branca enquanto um bairro paulistano está, pois, intrinsecamente

ligado à industrialização. Foi a instalação de inúmeras fábricas (dentre as quais grandes estabelecimentos) que deu identidade a este bairro.

Inicialmente, a estação ferroviária deve ter exercido uma atração maior na instalação de indústrias do que porções um pouco afastadas. Na Água Branca essa atração parece ter ocorrido, na medida em que é ao seu redor que se instalou, ao menos inicialmente, a maior parte dos estabelecimentos fabris. No entanto, isso não era uma regra. Podemos citar o exemplo da Companhia Antártica Paulista⁴ que foi uma das primeiras indústrias a se instalarem no bairro. Esta empresa montou uma fábrica de gelo e banha (que possuía um desvio ferroviário) na Avenida Água Branca (atual Av. Francisco Matarazzo), um tanto afastada da estação ferroviária. No mesmo local, na década de 1920, instalou-se a Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo (IRFM)⁵.

Por sua vez, a Vidraria Santa Marina⁶ e o Curtume Franco-Brasileiro⁷, outros importantes estabelecimentos instalados na Água Branca, no final da década de 1890, situaram-se em terrenos nos arredores da estação ferroviária, o mesmo ocorrendo, depois, com a maior parte das outras fábricas, pequenas ou grandes.

Além da Cia. Antártica Paulista, da IRFM, da Vidraria Santa Marina e do Curtume Franco-Brasileiro, foram sendo, com o passar dos anos, instaladas várias fábricas no bairro, como a Fábrica de Brinquedos Trol, a indústria química S.A. White Martins, a Fábrica de baterias Saturnia S.A., a Confab/Ibesa (atual Sesc Pompéia), entre outras. Cabe assinalar que Langenbuch constatou a existência de pelo menos três importantes fábricas de cerâmica na Água Branca, "com 121, 154 e 220 operários, em 1909." (LANGENBUCH, 1971, p.108). Muitos destes estabelecimentos fabris já encerraram as atividades, pelo menos no bairro da Água Branca, sendo as antigas construções utilizadas com novas funções, notadamente do setor terciário.

O bairro da Água Branca em 1907 (ver mapa I), possuía ainda um escasso arruamento e era muito pouco edificado, com um reduzido número de quarteirões e mesmo assim muito extensos, típicos de uma área industrial. Suas principais vias de circulação já existiam, como a Avenida Água Branca (atual Av. Francisco Matarazzo) e a Rua Guaicurus, que faziam e ainda fazem, juntamente com a Avenida São João, a ligação do centro da cidade ao importante bairro da Lapa. Neste propósito, segundo Petrone, estas avenidas, durante o primeiro quartel do século XX, constituíram o eixo de expansão da cidade no rumo Oeste e Noroeste, ligando o

Centro até o bairro da Água Branca e este à Lapa e Freguesia do Ó (PETRONE, 1958, p.118). Além desta radial, já haviam sido arruadas as ruas Turiassu e Itapicuru, que são importantes vias de circulação local, paralelas à Av. Água Branca.

A Água Branca, naquela data, ainda mantinha o aspecto de bairro isolado com relação à porção compacta da cidade. A oeste, a Vila Romana, que pode ser considerada uma extensão do arruamento da Lapa, começava a ser loteada. A leste, o córrego da Água Branca, ainda constituía um obstáculo natural a ser vencido, tanto é que o bairro de Perdizes terminava

Mapa I: Água Branca e Imediações – 1907



seu arruamento às suas margens. Ao sul e, sobretudo, ao Norte, existiam grandes vazios que persistiram por um longo período (notadamente no norte, entre as ferrovias e o rio Tietê).

Por volta de 1915 (ver mapa II), já existia a Vila Pompéia, ou pelo menos o seu arruamento, podendo ser considerada uma longa extensão do bairro de Perdizes, uma vez vencida a barreira que representava o córrego da Água Branca. A nova barreira à expansão da Vila Pompéia passou a ser o córrego da Água Preta.

O mapa II nos mostra que as edificações são pouco numerosas e bastante dispersas. A parte mais edificada situa-se na rua Turiassu que, por sua vez, se encontra sob a influência direta do crescimento de Perdizes, bairro este que apresenta uma maior área edificada com relação à Água Branca e Vila Pompéia. Sobre este ponto, PETRONE afirma que *"até findar o primeiro quartel do presente século, (...) ampliou-se o bairro das Perdizes, que passou a se unir ao da Água Branca, embora por estreita faixa edificada"* (PETRONE, 1958, p.122).

Segundo as análises de PETRONE, por volta de 1925, a cidade de São Paulo possuía *"um bloco compactamente edificado, limitado ao Norte pelas vias férreas, a Leste pelo vale do Anhangabaú, a Oeste pelo vale do Pacaembu e ao Sul pelo espigão da Avenida Paulista"* (PETRONE, 1958, p.123). Além deste bloco central e compacto, a expansão urbana formava blocos em todas as direções, uns maiores e outros menores, uns próximos do bloco central e outros distantes. Assim, cumpre assinalar que a Água Branca fazia parte de um bloco próximo ao central, na iminência de passar a fazer parte do central, situado a oeste do vale do Pacaembu, *"compreendendo Perdizes, Vila Pompéia, Água Branca, Lapa e início do Alto da Lapa"* (PETRONE, 1958, p.123)⁸.

Apesar da Água Branca ter surgido como um núcleo isolado da cidade, ao que tudo indica, não houve um grande crescimento horizontal deste bairro. Pelo que foi dito anteriormente, sua conurbação com os bairros nascen-

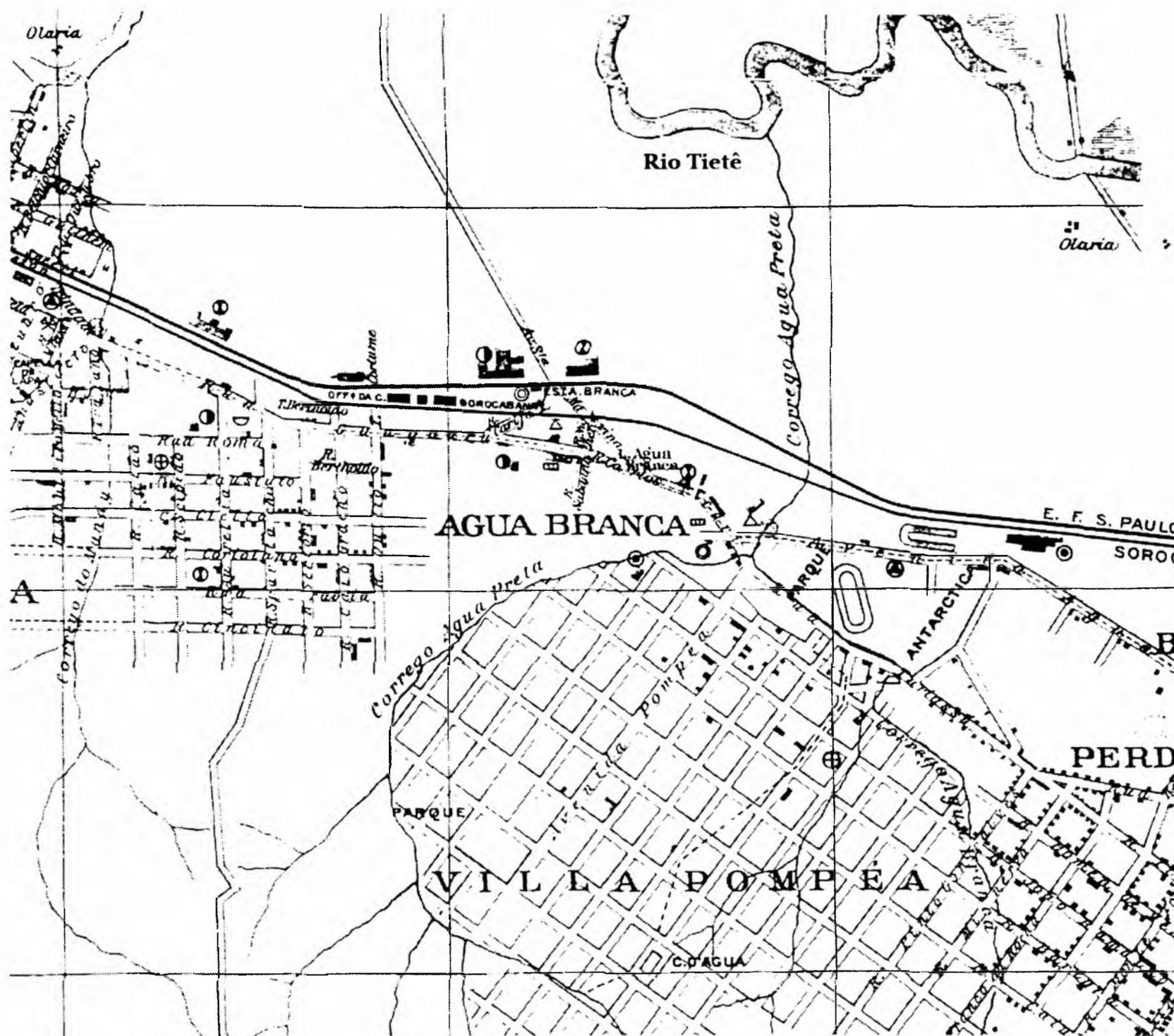
tes circunvizinhos se deu pelo crescimento dos últimos e não por seu próprio crescimento. Assim, foi o bairro de Perdizes que encontrou a Água Branca em sua expansão para sudoeste com a formação da Vila Pompéia no primeiro quartel do século corrente. Foi também a Lapa, através de sua expansão para leste que encontrou a Água Branca, com a formação da Vila Romana. A noroeste, parece-nos que foi a expansão da Barra Funda que se fundiu e se confundiu com a Água Branca. Enfim, a Água Branca foi se alterando muito mais em função do crescimento da porção central da cidade para oeste e do subúrbio da Lapa para leste, do que por um crescimento endógeno a partir do antigo núcleo de fábricas.

Este fato dará à Água Branca uma profunda heterogeneidade e seria responsável por uma fraca identidade enquanto bairro. E quanto mais enfraquecida a sua função industrial, devido ao processo de desindustrialização, mais fica enfraquecida sua frágil identidade enquanto bairro. É importante deixar claro, todavia, que a identidade de um lugar é dada por seus moradores. São eles que se identificam com os lugares. Aqui levantamos somente uma hipótese que deve, obrigatoriamente, ser confirmada ou negada empiricamente, por meio de uma pesquisa específica que deve ser realizada com muito cuidado.

De qualquer forma, somos tentados a afirmar, feitas as devidas ressalvas, que com a aceleração do processo de desindustrialização e com a paralela valorização imobiliária desta porção da cidade, o "bairro" da Água Branca, já facilmente confundido com todos os bairros circunvizinhos, tenderá, no futuro, a desaparecer, incorporando seus grandes lotes aos bairros vizinhos, sobretudo em sua porção leste e sul, onde encontra-se com Perdizes e Vila Pompéia⁹. Além disso, vale lembrar, os bairros não tem limites fixos, portanto, estes podem se alterar no decorrer da história.

Talvez somente os mapas e os nomes de parques, igrejas e estações guardem a existência

Mapa II: Água Branca e Imediações – 1914



Planta geral da cidade de São Paulo, organizada pela Comissão Geographica e Geológica, 1915. Escala 1:10.000.

e a memória do bairro, ou talvez nem isso. O córrego da Água Branca que deu nome ao bairro foi canalizado e desapareceu das vistas; a Avenida Água Branca teve seu nome alterado para Avenida Francisco Matarazzo, em homena-

gem ao homem que realizou ali o maior empreendimento do bairro, na década de 1920. É claro que estas mudanças de nomes não têm a menor relação com o processo de desindustrialização, contudo, de maneira indireta, contribuem

para acentuar uma possível perda de identidade do bairro. É importante deixar claro que estamos tão somente apontando hipóteses que surgiram durante a pesquisa, mas que precisam ser melhor apuradas numa pesquisa teórico-empírica específica sobre esta questão.

Inegável é que, a maneira como se deu o crescimento da cidade e dos bairros circunvizinhos alterou profundamente o espaço da Água Branca, acarretando-lhe uma grande valorização de seus terrenos ao longo da história.

Nesse sentido, é importante fazermos menção ao estudo de Lucila Herrmann, que analisou a extraordinária valorização da avenida/radial São João – Água Branca – Carlos Vicari-Guaicurus – Trindade (principal via de ligação do centro da cidade à Lapa, passando pela Água Branca), no período de 1914-34, decorrente da presença das vias férreas que valorizaram o bairro da Água Branca, sobretudo, para a implantação industrial.

Segundo HERRMANN, esta radial apresenta, a partir do centro da cidade em direção à Lapa, cinco zonas distintas de ocupação e, por conseguinte, de valorização do terreno urbano, sendo elas: a) “centro econômico-político-administrativo”; b) “área de transição ou deterioração”; c) “zona residencial modesta”; d) “zona residencial de luxo”; e e) “zona suburbana” das quais, as duas últimas incluem o bairro da Água Branca (HERRMANN, 1944).

A “zona residencial de luxo” estaria integralmente contida em nossa área de estudo, referindo-se à porção oriental do bairro da Água Branca. Segundo a autora, esta área “ocupa toda a Avenida Água-Branca, é habitada pela alta burguesia, constituída por famílias em geral abastadas, tradicionalistas, habitando casas confortáveis, luxuosas; por capitalistas e industriais, ou altos funcionários públicos. As residências são propriedades particulares, construídas em terreno espaçoso” (HERRMANN, 1944, p.34-35). Cabe salientar que a maioria destas casas ainda existe, no entanto, uma grande parte delas foi ocupada por escritórios comerciais. Esta área está situada, atualmente, entre o Par-

que da Água Branca (*Parque Fernando Costa*) e a Avenida Antártica, compreendendo ruas largas, arborizadas, com edificações de alto padrão, de no máximo três andares.

Por sua vez, a “zona suburbana” que “inicia-se no fim da Avenida Água-Branca, nas vizinhanças dos parques industriais, onde encontramos as fábricas Matarazzo, Franco-Brasileira, etc.” (HERRMANN, 1944, p.36); está contida parcialmente em nossa área de estudo, constituindo a porção ocidental da Água Branca, próxima da estação ferroviária, local em que encontramos a maior parte das indústrias. A partir daí, a radial se estende até o bairro da Lapa, bairro este que apresenta tanto indústrias (margeando a ferrovia), quanto um comércio popular e residências, predominantemente operárias. Situação que também vêm se alterando, na medida em que a Lapa também é um bairro que se encontra em processo de desindustrialização.

Com relação à valorização diferencial dos terrenos em função de sua localização, HERRMANN afirma que, de um modo geral, os maiores valores locativos encontram-se no centro e tendem a diminuir em direção à Lapa. A avenida Água Branca tem neste período sua valorização voltada à atração da atividade industrial em seu lado par, onde encontramos as indústrias e as ferrovias e, em seu lado ímpar, uma valorização voltada à implantação de uma zona residencial de luxo. Esta valorização refere-se ao período 1914/1934. Assim, se neste período houve uma valorização predominantemente voltada à implantação industrial na área, atualmente, notamos uma tendência oposta, com a função industrial perdendo importância para a função residencial das camadas média e média-alta e para a função comercial. O importante a notar por ora é que, por um motivo ou por outro, os terrenos da Água Branca vêm sofrendo uma grande valorização no decorrer da história.

Como se pode notar, a Água Branca é um espaço da cidade que apresenta usos do solo muito diferentes. A área apresenta desde

casas de alto padrão até grandes estabelecimentos industriais. Além disso, o bairro apresenta grandes lotes que são ocupados atualmente por *shopping centers* (o bairro possui três: o maior e mais recente inaugurado em maio 1991, é o *Shopping West Plaza*, com 220 lojas e 4 âncoras; o segundo maior e mais antigo, inaugurado em outubro de 1975, é o *Shopping Center Matarazzo* – que em novembro de 1998, teve seu nome alterado para *Shopping Center Bourbon* –, que ocupa a área da antiga *Oficina Mecânica e Fundição* da IRFM, com 95 lojas e 1 âncora; o terceiro e menor, é o *Shopping Pompéia Nobre*, inaugurado em 1990, ao lado do SESC Pompéia (PINTAUDI, 1992, p.20); pelo *Parque Fernando Costa*; pela *Sociedade Esportiva Palmeiras*, além do SESC Pompéia, das indústrias remanescentes e das ruínas da IRFM).

A nosso ver, o crescimento da Vila Pompéia e, sobretudo, de Perdizes com sua intensa verticalização, sobretudo a partir dos anos 1970, vem contribuindo muito para as mudanças processadas na Água Branca, na medida em que se cria uma grande demanda por serviços e lazer que não é satisfeita nos próprios bairros (Perdizes e, de maneira secundária, Vila Pompéia), sendo transferida para a Água Branca esta função. É possível, inclusive, afirmar que, atualmente, a Água Branca constitui uma espécie de apêndice de Perdizes. Uma espécie de área de compras e lazer. Esta hipótese fica mais patente, na medida em que, além dos *shoppings* citados, a Avenida Francisco Matarazzo, principal via do bairro, apresenta um comércio muito intenso, com lojas e serviços dos mais variados tipos. Este fato contrasta com a afirmação de HERRMANN sobre a área em 1934. Esta autora afirmou que “o comércio desaparece completamente na área residencial de luxo, para reaparecer de novo na Lapa” (HERRMANN, 1944, p.25). O comércio na Água Branca destina-se, em sua maior parte, ao atendimento da demanda das camadas média e média-alta que habitam as proximidades, ao contrário do comércio da Lapa, que se destina, em grande parte, às camadas populares.

Cumprir notar que os serviços oferecidos, sobretudo os grandes *shoppings*, na Água Branca, além de satisfazerem a demanda dos bairros próximos, ainda atendem, cada vez mais, uma demanda muito maior, devido a proximidade à marginal do rio Tietê, facilitando o acesso. A importância das vias marginais para os grandes *shoppings* é enfatizada por PINTAUDI ao afirmar que a estratégia de localização do conjunto dos *Shopping Centers* é “orientada para as marginais dos rios Tietê e Pinheiros. Construídas a partir da década de 60, essas vias expressas de circulação ‘aproximaram’ setores da cidade até então distantes” (PINTAUDI, 1992, p.36-37). E a autora conclui que “o espaço urbano passa, então, a ser concebido de acordo com as pressões do automóvel, certamente um dos principais responsáveis pela redefinição dos locais de compra” (PINTAUDI, 1992, p.29). O *Shopping Center West Plaza*, construído em 1991, é um dos exemplos dos tipos de *shopping* que são construídos visando uma grande demanda, tanto pelo seu grande porte, quanto por sua localização nas proximidades da via Marginal Tietê, o que lhe facilita o acesso, um dos aspectos fundamentais para a construção de um *shopping* de grandes proporções.

A construção das vias marginais, a partir da década de 60, alterou significativamente a paisagem urbana da Água Branca, não somente pelos motivos acima descritos, mas também por ter determinado a construção de dois grandes viadutos, sobre as linhas férreas, que fazem a ligação da Água Branca, Perdizes, Vila Pompéia e Vila Romana, principalmente, às vias marginais. Os dois viadutos (viaduto Pompéia na porção oeste e viaduto Antártica na porção leste) alteraram a paisagem do bairro, proporcionaram um incrível aumento do fluxo de veículos e, conseqüentemente, congestionamentos freqüentes.

No entanto, estas obras viárias contribuíram para atenuar a histórica divisão do bairro em dois, aquele ao sul das ferrovias (mais desenvolvido, urbanizado e integrado à cida-

de) e aquele ao norte das ferrovias (com uma ocupação escassa – grandes lotes vazios –, poucas edificações e baixa densidade populacional).

A este respeito, a proposta de “Intervenção Urbana Água Branca” realizada pela Empresa Municipal de Urbanização (EMURB) em 1991¹⁰, constatou que *“uma das principais carências identificadas na área de intervenção foi a quase impossibilidade de transposição do leito da ferrovia, dificultando a integração física de toda a região”*, na medida em que, atualmente, só existem os dois citados viadutos e uma passagem de pedestres no final da rua Carlos Vicari, próximo da estação Água Branca da estrada de ferro. Desta maneira, a referida operação urbana propõe a *“definição de mecanismos que possibilitem a suplantação desta barreira, de maneira que a utilização da área a norte ocorra na mesma intensidade e qualidade daquela verificada a sul da ferrovia”* (EMURB, 1991, p.17). Para tanto, a operação propõe a construção de duas obras para a melhor transposição do leito das ferrovias, a saber: a) uma passagem aérea de pedestres, próximo ao encontro do viaduto Pompéia e da Avenida Francisco Matarazzo, que seria uma obra inevitável, tendo-se em vista a idéia de construir neste local a estação Água Branca do Metrô, no antigo terreno do núcleo de fábricas da IRFM¹¹ e b), uma avenida subterrânea de automóveis e pedestres, ligando a rua Carlos Vicari à Avenida Santa Marina, por sob os trilhos das estradas de ferro, local que possui atualmente uma pequena passagem aérea de pedestres. Segundo o documento, as duas obras são necessárias, pois suas localizações *“estarão revestidas de grande importância na medida em que significarão importantes eixos de circulação de pedestres pela necessidade de acesso ao transporte público, contribuindo para que em seu entorno surjam naturalmente pólos de atração comercial e de lazer, exigindo por parte do setor público uma preocupação especial com os aspectos relativos ao desenho urbano nestas áreas”* (EMURB, 1991, p.17).

Vejamos, agora, sucintamente, quais as principais diretrizes e ações empreendidas pelo poder público no bairro da Água Branca, de acordo com a proposta de intervenção urbana formulada em 1991.

Em primeiro lugar, cabe esclarecer que a área compreendida pela operação é muito mais ampla do que o bairro da Água Branca. Ela abrange parcialmente três subdistritos, a saber, o leste do subdistrito da Lapa, o nordeste do subdistrito da Barra Funda e o norte do subdistrito de Perdizes, sendo limitada ao norte pelo canal do rio Tietê; a leste pela ponte da Freguesia do Ó, seguindo pelas Avenidas Comendador Martinelli, Santa Marina e rua Carlos Vicari; a oeste pela ponte da Casa Verde, seguindo pelas avenidas Abraão Ribeiro e Paqueta; e ao sul pela rua Turiassu. Este fato, sem dúvida, dificulta, em determinados aspectos, a análise desta operação no que tange aos problemas específicos de nosso estudo, na medida em que, apesar da operação reconhecer inúmeras subáreas e as grandes diferenças entre elas no interior da área como um todo, algumas das análises são feitas tendo-se os dados da área total. Assim, sempre que as análises e propostas são feitas genericamente no documento da operação, não podemos absorvê-las como específicas de nossa área de estudo, que se restringe a uma parcela da área total da operação.

A análise deste documento como um todo revela, explicitamente, uma preocupação constante de controlar ou, muitas vezes, diminuir consideravelmente as atividades industriais da área, e é dada ênfase para sua diminuição na área que corresponderia, grosso modo, ao bairro da Água Branca. Este “estímulo” do poder público ao recuo da atividade industrial consiste, em realidade, no reconhecimento de que a área valorizou-se e a atividade industrial vem perdendo importância e recua na área. A nosso ver, a diretriz de controlar a expansão ou mesmo estimular a saída de indústrias relaciona-se à idéia de “embelezar o espaço” e, assim, con-

A operação propõe ainda, como dissemos, a realização de uma série de obras de infra-estrutura, sobretudo no referente ao sistema de transporte e circulação, contribuindo para a viabilização do incremento do setor terciário. Estas obras incluem a abertura de novas avenidas, alargamento e extensão de avenidas existentes, construção de passagens sobre ou sob as ferrovias, parcelamento em lotes menores de grandes áreas vazias, construção de uma nova ponte sobre o rio Tietê, no final da avenida Pompéia/Água Preta¹², obra esta já concluída (Ponte Júlio de Mesquita Neto, ou popularmente, Ponte da Pompéia); etc.

O documento da operação urbana esclarece que a viabilização financeira de um conjunto tão amplo de obras (estimativa total do gasto de US\$ 137.700.000, sendo 52% deste valor para as obras do sistema viário, 25% para as de drenagem, 10% para as de habitação, 5% para áreas verdes e 8% para a estação Água Branca do Metrô) será obtida, a partir de negociações entre as esferas municipal e estadual e o setor privado, além das contribuições de melhora da população residente na área. O prazo estabelecido para a implementação e conclusão das obras é de 16 anos e a estimativa total dos recursos arrecadados para a operação é de US\$ 155.148.000, portanto, superior à estimativa de gastos (EMURB, 1991, p.48).

A Água Branca, pelo que vem sendo exposto, além de permanecer um espaço heterogêneo e repleto de contrastes, apresenta uma excelente infra-estrutura em equipamentos urbanos, o que concorre para que este espaço seja ainda mais valorizado (pelos empreendedores imobiliários).

O mapa IV, mostra a Água Branca no início da década de 1970, momento no qual o bairro ainda apresentava grande quantidade de indústrias.

Comparando-se o mapa IV com os mapas I e II, vemos que a área urbana ao sul está muito mais edificada e o arruamento já se completou totalmente. Ao norte, no entanto, ainda

encontra-se um grande vazio, que foi ampliado em meados da década de 1980, com a demolição de grande parte do núcleo de indústrias da Matarazzo. Além disso, muitas mudanças urbanas e urbanísticas vêm ocorrendo a partir da década de 1970, contribuindo para que este espaço se valorize e se desindustrialize.

Assim, pode-se concluir, pelo que foi exposto, que a grande valorização dos terrenos do bairro, associadas à localização privilegiada deste no conjunto metropolitano, somada às grandes intervenções do poder público que garantiram ao bairro uma eficiente infra-estrutura, tanto no que se refere aos transportes (por meio da construção de grandes obras viárias – viadutos Pompéia e Artarctica na década de 60 – e da construção da estação terminal do Metrô Barra Funda na segunda metade da década de 80) quanto ao saneamento básico, iluminação pública, etc., e serviços que a metrópole e, em especial, no caso abordado, os bairros de Perdizes e Vila Pompéia, requerem cada vez mais, acentuam o seu processo de desindustrialização. Ou seja, todos esses fatores, de ordem geográfica, política e econômica, conjugados garantiram uma grande valorização imobiliária no bairro, o que, por sua vez, tem acentuado a função comercial deste, em detrimento da sua função industrial.

Quanto ao recuo da indústria, é muito difícil determinar o momento em que o processo de desindustrialização se inicia, isso porque os fatores que influem neste processo, além de serem extremamente complexos, são muitos, desde os de caráter macroeconômico até os que se manifestam na escala do bairro ou de setores do bairro.

Nesse sentido, concordamos com ANDRADE, quando, analisando o recuo da indústria “tradicional” nos bairros do Brás, Mooca e Belenzinho, afirma que “as mudanças que ocorrem na indústria estão entrelaçadas a mudanças que ocorrem na cidade numa intrincada trama de relações difícil de ser desvendada” (ANDRADE, 1991, p.212). Este fato agrava-se se levamos

nacionais que produziam predominantemente bens de consumo não duráveis. E foram, sobretudo, indústrias produtoras de bens de consumo não duráveis que se instalaram, desde o final do século passado, na Água Branca.

5. Desindustrialização: um processo de múltiplas faces

Como já assinalado, a compreensão do processo de desindustrialização que vislumbramos na Água Branca está assentada numa grande quantidade de elementos que se entrelaçam numa trama complexa.

Desta forma, durante a pesquisa levantamos uma série de hipóteses que, de maneira geral, podem ser assim resumidas: por um lado, podemos compreender o processo de desindustrialização através do entendimento das condições históricas do processo de industrialização, levando-se em consideração as transformações macroeconômicas ocorridas durante todo o processo, discussão esta que nos levou à idéia de que com as mudanças econômicas advindas com o processo de industrialização pesada, a partir de meados da década de 1950, inicialmente com o Plano de Metas e num segundo momento com o "milagre econômico" do regime militar, mudaram-se os eixos de industrialização e foi dado estímulo às indústrias de bens de consumo duráveis e de bens de capital. Assim, as indústrias nacionais que produziam predominantemente bens de consumo não duráveis passaram a enfrentar problemas, por um lado, pelo pequeno interesse dedicado a elas pela política econômica a partir de 1956 e, por outro lado, pela maciça entrada de empresas transnacionais (mais dinâmicas e competitivas) que lhes reduziu o mercado. Além disso, cumpre ressaltar a importante contribuição da mudança do eixo de industrialização para o rodoviário, decorrente de uma política de privilegiamento do setor rodoviário em detrimento do ferroviário, fruto, em grande parte, da implantação da grande indústria automobilística durante a industrialização pesada.

Por outro lado, a pesquisa percorreu as condições da urbanização paulistana, buscando elucidar as mudanças processadas na metrópole, mais especificamente, no bairro da Água Branca. Nesse sentido, acreditamos que a valorização imobiliária que se dá fortemente no bairro, levando este a atrair empreendimentos do setor terciário (ligados, sobretudo, ao comércio) em detrimento do secundário, particularmente o setor industrial, contribui na elucidação da desindustrialização. Acreditamos que esta idéia é decorrente, em parte, da localização privilegiada do bairro no conjunto metropolitano e das obras urbanas operadas ao longo da sua história pelo poder público. Ainda sob esta perspectiva, o grande crescimento e verticalização do bairro vizinho de Perdizes que, ao que tudo indica, parece estar incorporando o espaço da Água Branca, acentua o processo de desindustrialização. Todos estes elementos contribuem no sentido de valorizar o bairro e, por conseguinte, atrair uma grande variedade de comércio e serviços, forçando, em certo sentido, a saída de indústrias.

Analisando, pois, sob a ótica das indústrias instaladas na Água Branca, vemos que estas sofreram "pressões" em dois sentidos. Num primeiro, das macro políticas econômicas que, por qualquer ângulo que se veja o problema, as desfavoreceram em prol das empresas transnacionais e em prol das indústrias produtoras de bens de consumo duráveis e bens de produção. Num segundo sentido, da grande valorização imobiliária que sofreu o bairro da Água Branca e da crescente demanda por serviços que a metrópole como um todo passa a exigir.

Em suma, é nas relações entre os processos de industrialização e urbanização que procuramos levantar uma complexa trama de elementos que contribuem para desvendar, ao menos parcialmente, o processo de desindustrialização que está em andamento no bairro da Água Branca. Vale lembrar que o fato desse processo estar em pleno desenvolvimento, acentua a dificuldade de buscar a sua compreensão.

Notas

- * O presente artigo procura ressaltar algumas das questões abordadas no decorrer de uma pesquisa realizada durante o bacharelado do autor, com auxílio da FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo) e sob orientação da Professora Dra. Margarida Maria de Andrade, intitulado *Industrialização e Desindustrialização na Metrópole Paulistana: o caso da Água Branca*, e apresentado como Trabalho de Graduação Individual ao Departamento de Geografia da FFLCH-USP em 1998 (270p).
- 1 No que tange as ações e diretrizes do poder público para o bairro, utilizamos como fonte os documentos da proposta de "Intervenção Urbana Água Branca", da Empresa Municipal de Urbanização (EMURB), de setembro 1991.
 - 2 A Água Branca é o extremo norte do subdistrito de Perdizes.
 - 3 Vale lembrar que a *E.F. Sorocabana* têm na Água Branca uma oficina de reparos.
 - 4 A *Companhia Antartica Paulista* foi fundada por Joaquim Salles em 1885. Inicialmente produzia gelo e banha, mas pouco tempo depois, em 1891, foi adquirida por Von Bulow e Zerenner, passando então a fabricar cerveja e abandonando a fabricação de banha. Segundo Reis Filho, o nome Antactica (alusão ao continente gelado) está ligado a fabricação de gelo e não de cerveja, pois foi a fabricação de gelo a atividade da fábrica inicialmente (REIS FILHO, 1994, p.114). Segundo ANDRADE, a *Cia. Antartica Paulista*, a partir de 1891, deu início a "produção de cerveja em grande escala, no Estado." (ANDRADE, 1991, p.108). Na porção sul do terreno que não tinha contato direto com a ferrovia (devido à presença da Avenida Água Branca) a empresa construiu o *Parque Antartica* que, segundo Reis Filho, constituía um espaço de recreação, aberto ao público, no qual a cervejaria realizava a promoção de seus produtos (REIS FILHO, 1994, p.115). *Zerenner & Bullow*, que havia comprado a *Cervejaria Bavária* na Moóca, em 1904, e que para lá havia transferido suas instalações, vendeu as antigas instalações fabris, em 1919, para a *Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo*, que não tardou a construir ali um grande núcleo de fábricas. O *Parque Antartica*, por sua vez, foi vendido para o clube *Palestra Itália*, atual *Sociedade Esportiva Palmeiras*, que ali construiu um estádio de futebol e a sede social e recreativa do clube (ANDRADE, 1991, p.109).
 - 5 A *IRFM* instalou na Água Branca, em realidade, um grande conjunto integrado de fábricas, realizando um antigo sonho de seu idealizador, o Conde Francesco Matarazzo. Este foi, sem dúvida, o maior empreendimento industrial que o bairro teve. O núcleo de fábricas da *IRFM* foi construído num terreno que constituía-se de duas glebas contínuas, sendo a primeira de 97.296 m² e a segunda de 13.771 m² com sua frente voltada para a antiga estrada da Água Branca (atual avenida Francisco Matarazzo) e seu fundo margeado pelas estradas de ferro *Sorocabana* e *São Paulo Railway*. Sua extensão lateral pode ser delimitada, atualmente, pelos atuais viadutos Pompéia, a esquerda e, Artarctica, a direita. O terreno era de propriedade da *Companhia Artarctica Paulista* e nele funcionava uma fábrica de gelo e cervejas, como já dito na nota anterior. Neste núcleo funcionaram diversas fábricas, que produziam os mais variados produtos, como: velas e glicerinas, sabões e sabonetes, óleos comestíveis e industriais, produtos químicos variados, rações, gesso, etc. O núcleo iniciou suas atividades em 1922, teve seu auge em meados da década de 1950 e foi definitivamente fechado em 1986. Grande parte de suas antigas edificações foram demolidas e alguns poucos edifícios foram tombados pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo (CONDEPHAAT). Desde 1993, o terreno pertence a uma empresa de engenharia, a *Ricci e Associados – Eng. e Comércio Ltda.*, que iniciou a construção de uma grande obra no terreno (segundo informações preliminares trata-se de quatro edifícios comerciais de alto padrão).
 - 6 A *Vidraria Santa Marina* foi fundada pelos sócios Elias Fausto Pacheco Jordão e Antônio Prado, em 1896, após terem constatado a existência de areia de boa qualidade no subsolo das proximidades de seu terreno na Água Branca. Segundo Reis Filho, o motivo principal da instalação da fábrica de vidros, era atender a demanda por garrafas da

- vizinha *Cia Antártica Paulista*, da qual o próprio Antônio Prado era membro do conselho fiscal. (REIS FILHO, 1994, p.115). De acordo com LANGENBUCH, a *Santa Marina* empregava em 1909, 408 operários (LANGENBUCH, 1971, p.87).
- 7 Segundo LANGENBUCH, o *Curtume Franco-Brasileiro* empregava 53 operários em 1909.
 - 8 Apesar de não fazer parte do bloco compacto, a Água Branca já se achava, por volta de 1925, continuamente ligada a ele, pela radial São João-Água Branca-Guaicurus.
 - 9 Vale lembrar que o bairro da Água Branca, administrativamente, é integrante atualmente do subdistrito de Perdizes, o que indica que o bairro já teve uma importância bem maior no início do século, quando foi um dos primeiros bairros da cidade a se formar com o início da industrialização (ver mapa I).
 - 10 A iniciativa de formular e executar a "Operação Urbana Água Branca", partiu da Secretaria Municipal do Planejamento em 1989, na medida em que, o Plano Diretor do Município de 1985, estabelecia a Água Branca/Barra Funda como "área de especial interesse para a implementação de operação urbana". Assim, a partir de estudos e diagnósticos preliminares realizados em 1989, a EMURB, em 1991, elaborou um documento denominado de "Operação Urbana Água Branca" que foi encaminhado à câmara dos vereadores, discutido, reelaborado na forma de Lei, votado e, finalmente, aprovado em novembro de 1994. No ano seguinte, o então Prefeito Paulo Salim Maluf, sancionou a Lei. Assim, a partir de 1996, ela deveria começar a ser executada. Cumpre ainda esclarecer, a definição do que é uma "operação urbana", segundo a EMURB: uma operação urbana é "um conjunto de mecanismos jurídicos, institucionais e financeiros voltados ao cumprimento de um plano de renovação urbana, abrangendo em seu escopo desde a adequação das infra-estruturas públicas até a definição de padrões adequados de desenho urbano." (Operação Urbana Água Branca, EMURB, 1991, p.12-13)
 - 11 Esta estação seria a primeira de uma possível extensão da linha Leste-Oeste do Metrô, a partir da estação Barra Funda.
 - 12 Originalmente, o projeto desta ponte é de 1979. Portanto, a "Operação Urbana Água Branca" de 1991, somente insiste na necessidade de realização desta obra.

Bibliografia

- ANDRADE, Margarida Maria de. *Bairros Além-Tamandateí: o imigrante e a fábrica no Brás, Moóca e Belenzinho*. Tese de Doutorado, FFLCH – USP – Departamento de Geografia, São Paulo, 1991.
- CANO, Wilson. *Raízes da Concentração Industrial em São Paulo*. Rio de Janeiro-São Paulo, DIFEL, 1977.
- DEAN, Warren. *A Industrialização de São Paulo (1880-1945)*. Tradução de Otávio Mendes Cajado, 4.ed. São Paulo, Bertrand Brasil, 1991.
- EVANS, Peter; QUEIROZ, Maurício Vinhas de. Um Delicado Equilíbrio: o capital internacional e o local na industrialização brasileira. In: *Multinacionais: Internacionalização e Crise*, Caderno Cebrap 28, São Paulo, Brasiliense/Cebrap, 1977.
- GUGLIELMO, Raymond. *Desindustrialisation et Evolucion de L'emploi à Saint-Denis*. Paris, s/d, (mimeo).
- HERRMANN, Lucila. Estudo do desenvolvimento de São Paulo através da análise de uma radial: a estrada do café (1935). In: *Revista do Arquivo Municipal*. Ano X, volume XCIX, São Paulo, Departamento Municipal de Cultura, 1944.
- LANGENBUCH, Juergen Richard. *A Estruturação da Grande São Paulo – Estudo de Geografia Urbana*. Rio de Janeiro, Fundação IBGE, 1971.

- LEFÈBVRE, Henri. Industrialização e Urbanização. In: *O Direito à Cidade*. Tradução de Rubens Eduardo Frias, São Paulo, Moraes, 1991.
- LÊNCIONI, Sandra. Reestruturação urbano-industrial no estado de São Paulo: a região da metrópole desconcentrada. In: SOUZA, Maria Adélia A. de et al; (orgs.). *Território - Globalização e Fragmentação*, 3.ed., São Paulo, Hucitec/Anpur, 1996.
- LESSA, Carlos. *15 anos de Política Econômica*. São Paulo, Editora da UNICAMP/Brasiliense, 1975.
- MARTINS, José de Souza. *O Cativo da Terra*. 6.ed., São Paulo, Hucitec, 1996.
- NEGRI, Barjas. *Concentração e Desconcentração Industrial em São Paulo (1880-1990)*. Campinas, Editora da UNICAMP, 1996.
- OLIVEIRA, Francisco de. A Economia Brasileira: Crítica à Razão Dualista. In: *Estudos Cebrap 2*. São Paulo, Editora Brasileira de Ciências/Cebrap, 1972.
- PETRONE, Pasquale. São Paulo no século XX. In: AZEVEDO, Aroldo de (direção). *A Cidade de São Paulo – Estudos de Geografia Urbana – A Evolução Urbana*. Vol. II, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1958.
- PINTAUDI, Silvana Maria. O Shopping Center no Brasil – condições de surgimento e estratégias de localização. In: PINTAUDI e FRUGOLI Jr. (orgs.). *Shopping Center: Espaço, Cultura e Modernidade nas Cidades Brasileiras*. São Paulo, Editora da UNESP, 1992.
- RAMOS, Aluísio Wellichan. *Industrialização e Desindustrialização na Metrópole Paulistana: o caso da Água Branca*. Trabalho de Graduação Individual, FFLCH – USP – Departamento de Geografia, São Paulo, 1998.
- REICHSTUL, Henri-Philippe e GOLDENSTEIN, Lídia. *Do Complexo Cafeeiro à Industrialização – Sessenta anos de economia*. São Paulo, 1980.
- REIS FILHO, Nestor Goulart. *São Paulo e Outras Cidades: produção social e degradação dos espaços urbanos*. São Paulo, Hucitec, 1994.

Fontes

- CONDEPHAAT, *Processo n.º 24.203/1985 referente ao "Estudo de tombamento do Edifício que abriga as instalações das Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo, sito à Av. Francisco Matarazzo, n.º 1.096 – Capital, São Paulo, 1985.*
- CONDEPHAAT, *Contestação ao estudo de tombamento do Edifício que abriga as instalações das Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo, sito à Av. Francisco Matarazzo, n. 1.096 – Capital, São Paulo, 1985.*

